



Cinema

Ano 1º
Nº 22

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — José Mojica, principal intérprete do filme "O Príncipe que nunca amou".

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

ALBERTO BARRADAS: — Bem me parecia que o meu Amigo não deixava arrefecer o lugar. Já cá estão mais dois envelopes, cada um com quatro cartas, e cada carta com duas a três perguntas. Os selos é que ainda não vieram. Também ainda não houve tempo.

«A mulher duma noite» é, na verdade, o primeiro filme falado de Francesca Bertini, e, se calhar, o último... Não temos qualquer boa foto de Bertini para publicar. E depois, não acha que ela já devia pedir reforma? Louise Fazenda é, sim senhor, a actriz que tem aparecido em Portugal em mais fonofilmes. A Lilian? Infelizmente só apareceu em cinco, enquanto que a Louise Fazenda apareceu em 9 ou 10. Como vê, ha uma diferençazinha... Vou transmitir os seus cumprimentos à gentil camarada Fernanda, da «Imagem». Mas como soube Você que ela é «gentil»? Vá lá, que adivinhou.

E não se esqueça dos selos, não?

CURIOSO & C.ª: — Sim senhor, todos os meus correspondentes são «caríssimos amigos». Pode chamar-me «caro». Assim me acha o Director, e, por isso, não ha meio de me aumentar ao ordenado...

Você descobriu que a Edwina Booth, em «Trader Horn» fala a língua dos pretos? Ela dá lá uns bêrozitos, isso dá, agora em que língua é que não conseguí descobrir. Vou perguntar ao preto da «Africana» se viu o «Trader Horn». Virgínia Cherril não fez mais nenhum filme depois de «Luzes da Cidade». Está passando em reexibição no «Batalha», como deve saber. Suponho que ambas as fitas por que pergunta serão exibidas ainda esta época.

Então Você quer saber como é que eu arranjo sempre bom humor, e pede-me um bocadinho? Olhe: case-se, e tenha sempre a sua sogra ao pé de si. E' remédio santo.

C
I
N
E
M
A
2
DOIDO POR LOIRAS: — Ora seja muito bem aparecido. Julgava que não voltava mais, como o «Sonorifilíssimo» e as «Primas do Dito». E' que este mundo está cheio de Ingratidões, mas já vejo que Você é dos «fexes». Faz muito bem em ir ao «Batalha» tornar a vêr «Fatalidade». Eu também fiz o mesmo. A Marlene vê-se uma dúzia de vezes, e nunca a gente chega a conhecê-la de cór... Tem pena que a Kate Nagy não seja loira? Tenha paciência. Siga o seu caminho — ou «doído por loiras» ou «doído por morenas».

Por tôdas, só cá o Director.

Correspondência

EDUARDO DINIZ RÊGO: — Dos quatro nomes que indica, só tenho o prazer de conhecer a Eva Nil. E como não tenho a direcção dela, peço-lhe que escreva ao cuidado de «Cinearte», Sociedade Anónima «O Malho», Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro.

LOUCO POR JEAN HARLOW: — Você é um felizardo. Mas diga-me em que país, em que cidade, em que cinema viu «Secret Six» e «Iron Man». Se gostei de «Um Homem Feliz»? E' claro que gostei. Quanto mais não fôsse — ah, — pela Kate de Nagy. Mas outros grandes merecimentos tem o filme. 17 Junhos em flôr é leitora. Assim o dá a perceber, pelo menos. Vou transmitir-lhe os seus parabens. Alguns dos últimos filmes de Elissa Landi são «De Corpo e Alma», «Children of Chance», «Always Goodbye», «Wicked» e «Yellow Tichet». Se o director está Nagyfilo? Isso é pergunta pleonástica...

J-12: — Registei a sua opinião sobre os dois filmes que indica. Sobre o primeiro, nada posso dizer, porque ainda se não estreou no Pôrto. Sobre «Trader Horn», estou em desacôrdo consigo, pois eu cá acho o superior a «A Voz d'Africa». Não lhe posso dizer, nesta secção, quais os melhores filmes exibidos. Seria uma opinião pessoal que não interessaria. Fitas de Marlene, não virá mais nenhuma esta temporada.

AFONSO MOURA: — Escreva o seu pedido de fotografia numa folha de papel, em qualquer das línguas inglesa alemã, francesa ou, em último caso, portuguesa, assina, põe a sua direcção muito clara, mete essa fôlha num envelope sobrescritado para: Miss Lilian Harvey, C/o «Universum Film Gesellschaft», Berlin SW 19, Krausenstrasse 38/39 (nova direcção da «Ufa»). Cola no sobrescrito uma estampilha de 1\$25, deita-o em qualquer marco postal. Se passado um ano não tiver cá o retrato, é porque o Willy Fritsch não deixou... Nesse caso, vai a qualquer papelaria e compra um postal de Lilian Harvey, da marca «Ross». E' muito mais prático, e fica muito mais barato...

MY DEAR JEANETTE Y LOVE YOU OF MY HEART: — Para outra vez arranque um pseudónimo mais curtinho. E se

quiser pseudónimo estrangeiro, qualquer língua que se perceba, em inglês, por exemplo...

1.ª — Sabe um pouco de francês, mas pôde escrever-lhe em qualquer língua. 2.ª — Isso é lá com ela. 3.ª — Hão-de vir novos filmes de Jeanette, mas só para a próxima época.

17 JUNHOS EM FLOR: — Eu disse para não me chamar simpático, não disse para me chamar antipático. Com que então 17 Junhos do dia de S.to Antonio a 13 dias. E', portanto, no dia 26 que faz anos. Agora estou atrapalhado, pois tenho a impressão de que lhe prometi alguma coisa, mas não me lembro o quê. Dê-me uma ajudazinha!... Sobre a remessa da revista para a Praia das Maças, escreva directamente à Administração. Dissemos que «qualquer de nós era feliz ao pé da Kate de Nagy», porque aqui em casa só ha homens. E' claro que se houvesse alguma mulher, ela preferiria, como Você, o Jean Murat...

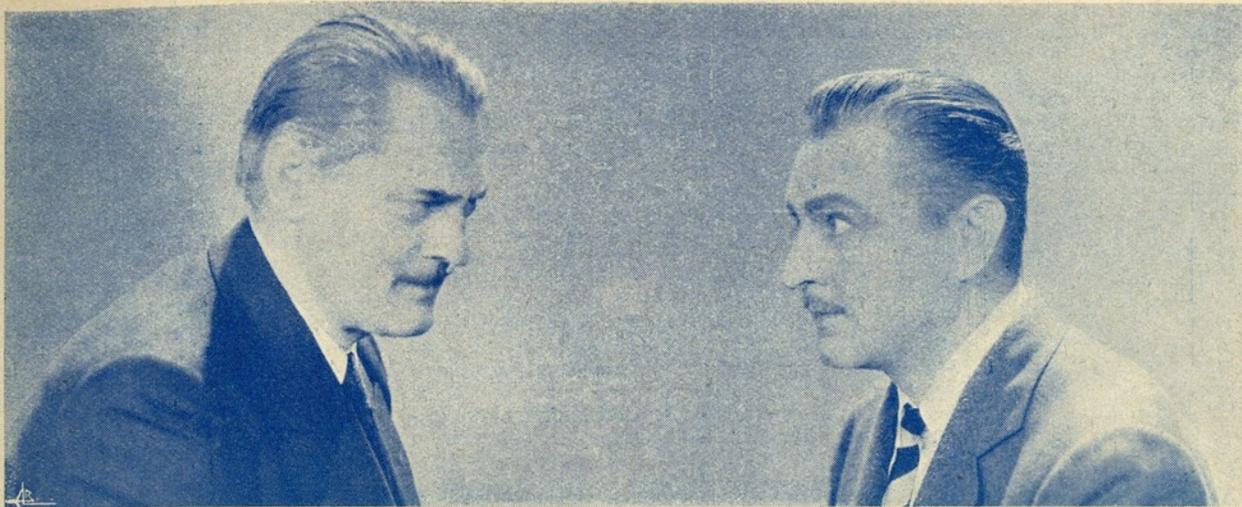
Ah, já esquecia! Muitos parabens do «Louco por Jean Harlow».

AMO A LILIAN: — Enganei, sim nessa resposta. O título original de «Direito de Amar» é «Single Standard». Confundi com um filme de Ruth Chatterton, que tem aquele título. «Mea Culpa»... Gostei de «As 4 penas». E' um bom filme. O seu título original é «Four Feathers». De «Anny no Music-Hall» não sei. O de «Segue o teu Coração» é «Follow Thru».

EU SEI TUDO.

A «Tobis» estende o seu raio de acção

«Topoly», o novo aparelho de tomada de sons da «Tobis» (combinação com a «Polyphon») acaba de ser instalado em Roma, por acôrdo entre a «Tobis» e a «Caesar-Film». Igual aparelho será instalado esta semana nos estúdios da «Tobis» em França.



Os dois manos John e Lionel Barrymore, tal como aparecerão em «Arsene Lupin», que a «M-G-M» distribuirá na proxima temporada

O Cantinho dum Cinéfilo

Ha dias, no jornal «República», num artigo da autoria do sr. Carlos Ferreira, proclamava-se a necessidade absoluta e urgente da modificação da lei que obriga à exhibição de 100 metros de filme português.

Sem precisão bastante para que se compreendam quais as bases sólidas da desejada modificação, apenas vagamente se depreende desse artigo que, por ser tal metragem insufficiente, o sr. Carlos Ferreira não acha bem a lei dos 100 metros, *que torna impossível os documentários culturais.*

Já por mais que uma vez tenho mostrado o meu desacôrdo com a referida lei, que nada defende nem nada protege, a não ser os interesses particulares dos praticantes de fotografos cinematograficos, que assim teem uma oportunidade de colocar o produto dos seus trabalhos práticos ou das suas experiências a um preço irrisório, com o qual os profissionais da objectiva, mesmo se deixassem de se preocupar com o trabalho esmerado, não podem, de forma alguma, concorrer.

Neste ponto, estou de acôrdo com o sr. Ferreira.

Não concordo, porém, com a suposição de que, se tal metragem fosse ampliada, os filmes culturais portugueses seriam um facto. Em primeiro lugar — e partindo do principio, com o qual discordo, tambem, de que em 100 metros não ha possibilidade de fazer um bom filme cultural — a lei não impede que quem quer que seja faça um filme com 200 metros, com 300 ou com a metragem que entender, desde que os 100 metros sejam atingidos. Fixa um mínimo, não estabelece um máximo. Em segundo lugar, se a lei se modificasse só no sentido duma ampliação de metragem, se em vez dum mínimo de 100 metros de fita portuguesa obrigasse a 1.000 metros, o resultado seria o de os maus 100 metros de agora, que o sr. Carlos Ferreira classifica de «horrendos aleijões», serem pura e simplesmente decuplados...

E não é isso o que se pretende.

A lei que obriga à exhibição de 100 metros de fita portuguesa precisa de ser modificada.

Reconheço-o eu, que sou adversário de todas essas leis, desses contingentes, dessas protecções, que não são mais, no fim de contas, do que uma forma artificial de proteger a debilidade e a incompetencia de uns, do saber e das possibilidades de outros. Mas, já que em quasi todo o mundo se estão tomando tais medidas, já que, longe da unificação dos povos, da supressão das fronteiras, da fraternidade universal, o egoismo e a inveja imperam sob o rótulo de patrioteirismo, e cada povo parece isolar-se dos outros, atacando-os, guerreando-os, já que em Portugal existe uma lei para proteger a sua industria cinematográfica — que essa lei seja modificada, que essa lei proteja, de verdade.

E essa modificação tem que ter em linha de conta, primeiro que tudo, a qualidade dos filmes, primeiro que a quantidade. Antes 100 metros de bom Cezar Sá, de bom Antonio Mendes (quando é que veremos, publicamente, «Douro, faina fluvial»?), de bom Salazar Diniz, do que 1.000 metros de... de muitos que por aí pululam.

O primeiro passo para a modificação da «lei dos 100 metros» seria o da criação, junto da Inspecção Geral dos Espectáculos, duma Comissão de Apreciação ou coisa parecida, composta de gente do cinema, que se encarregaria de apreciar e classificar os trabalhos cinematográficos portugueses que quisessem beneficiar da protecção da lei. Desde que não se queira abrir o mercado, livremente, à competencia, às qualidades dos nossos fotografos cinematográficos, ao menos que não se permita que, forçadas por lei, as salas portuguesas sejam obrigadas a exhibir maus filmes portugueses.

Quanto aos culturais, é cedo ainda para se abordar o assunto.

Principiemos pelo principio.

Embora pareça um conto...

por CARMEN DE PINILLOS

A morte dum Imperador em regiões distantes fez girar a roda da fortuna, levando um homem a procurar fama no cinema.

Um palhaço de circo ensinou a um jovem adestrador de elefantes uns tantos passos de baile, lançando assim o moço numa carreira que fez dele uma das «estrelas» de maior grandeza em nossos dias.

Uma tímida rapariga extra, tendo um ataque de tosse no momento em que o director explicava uma cena, ruborizou-se toda quando êle a fitou... E foi por isso que ela se tornou uma «estrela» famosa.

Isto não é fábula. São episódios reais na vida e na carreira de Lewis Stone, de Wallace Beery e de Norma Shearer. Muitos outros artistas distintos de ambos os sexos poderão referir incidentes semelhantes.

Algumas destas histórias são tam curiosas como a do ganso que salvou Roma dos galos ou como a fábula do rato e do leão.

Eis aqui, por exemplo, a história do imperador que, por sua morte, fez com que se consagrasse ao cinema um homem que êle nunca tinha visto.

Lewis Stone era um jovem oficial que, ao terminar a guerra de Cuba, estava ameaçado de sofrer baixa no exercito. Começou a procurar trabalho em Los Angeles, onde já havia actuado em companhias ambulantes antes de ingressar na tropa.

Quis o acaso que, próximo do hotel Alexandra, encontrasse o general Homex Lee, brilhante estrategista e figura meteórica na politica internacional, o qual andava então a contratar oficiais: o jovem imperador da China solicitava oficiais norte-americanos para instruírem o seu exército nos métodos modernos. Oferecia bom soldo e Stone aceitou imediatamente o posto de major na cavalaria chinesa.

Mas a seguir morreu o imperador.

A imperatriz-mãe não queria exércitos à moderna... Os homens mascarados que assustam os demónios domésticos, fazendo estalar foguetes, podiam tambem bater-se com os exércitos estrangeiros. Para que contratar «Fan Quai» (diabos estrangeiros) como oficiais para lhes ensinarem novas manhas?

Foi assim que Stone teve de abandonar o exército chinês e procurar trabalho como actor. Atraiu o a nova arte do cinema e o *écran* ganhou um actor, enquanto a China perdia um oficial.

Quem sabe? Se o imperador fosse vivo, talvez que Stone fosse hoje o general Lew Yiy Stone, comandante em chefe do exército imperial chinês!

Nos estúdios da «M-G-M» Wallace Beery é hoje uma «estrela». O seu nome em letras luminosas à entrada dos salões é um imán para as multidões.

Retrocedamos uns tantos anos.

Certo moço alto e debil, adestrador de elefantes, observava um palhaço que estava a ensalar certos passos de baile no tapete que recobria o solo.

— E' preciso que uma pessoa seja muito ligeira de pés para fazer isso — exclamou êle, revirando o chũço meditativamente.

— Não me parece; se quizeres, experimenta, — sugeriu-lhe o *clown*.

— Ensinou ao rapaz a técnica do sapateado e êle descobriu que a coisa não era tam difícil como lhe parecia. O adestrador de elefantes era Wally Beery. Quando terminaram os espectáculos de circo, Wally era um bom bailarino e conseguiu empregar-se numa companhia de comédias musicais. Mais tarde, desempenhou alguns papéis, entre êles o

sos para o cinema. Não queria seguir a carreira de actor, como toda a sua familia; queria ser desenhador. Conseguiu um lugar no departamento artístico do «New York Journal», onde o director o obrigava a ilustrar uma página inteira dominical. John, porem, não era pontual, e uma vez, entregando o trabalho tam tarde que foi necessário pagar extra à gente da officina, Brisbane, que era o director, mandou-o chamar.

— John, — disse-lhe —, julgo que você é habil demais para illustrador. Deveria antes ser actor, como seu pai, seu tio e seu irmão. De resto, deve considerar-se despedido. E foi assim que John Barrymore foi parar ao teatro e depois ao cinema.

Ramon Novarro trabalhava de «extra», de moço de copa, de cantor nos cafés nocturnos, fazia, emfim, tudo que lhe vinha à mão para ganhar alguns dólares, depois da sua chegada aos Estados Unidos. Um amigo avisou-o de que Ferdinand Pinney andava procurando um actor do «seu tipo».

Ramon foi investigar.

— Vamos fazer uma tentativa, — disse-lhe o empresário —. Não temos dinheiro. Se a película tiver êxito, pagamos-lhe; se não tiver, não pagamos. Conveem-lhe estas condições?

Novarro aceitou.

A película foi «O Filho de Omar»; ganharam pouco dinheiro. Mas Rex Ingram viu-a... e viu Novarro. Isso motivou o aparecimento de Ramon em «O Prisioneiro de Zenda» e a sua instantânea ascensão ao firmamento estelífero.

Reginald Denny, em sua juventude, gostava de «box». Quando escasseavam os dramas, recorria ao pugilato para ganhar a vida. Durante a guerra foi campeão de «box» das Forças Aereas Reals. Depois do armistício, falava um dia em Nova-York com outro actor inglês.

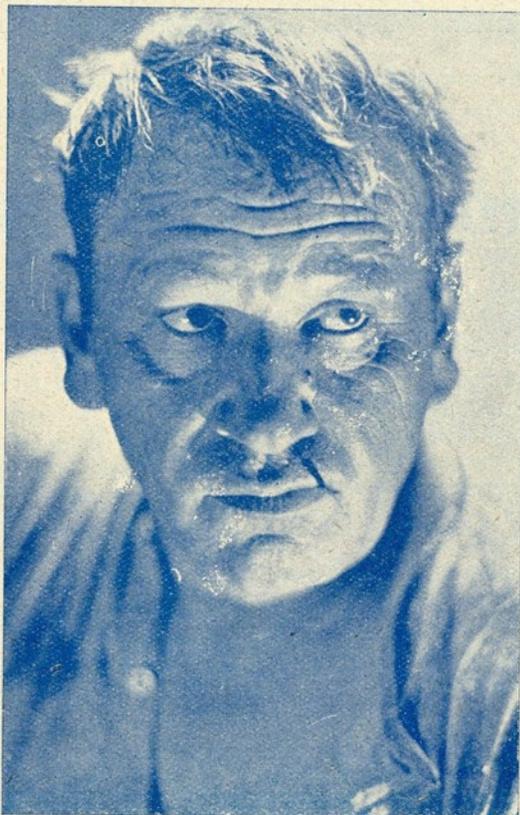
— A propósito, — disse-lhe êle —, Você combate, não é verdade? Um individuo chamado Harry Pollard anda em busca dum bom actor que seja ao mesmo tempo um pugilista.

Denny foi visitar Harry Pollard, um director de películas. Parece que este havia comprado uma série de historietas que Carl Laemme desejava adquirir se encontrasse um actor que soubesse «boxar» de maneira eficaz no *écran*, visto que em quasi todas elas havia cenas de pugilato.

Reginald Denny começou logo a tornar-se tam popular, que não tardou a conquistar papéis de protagonista em muitas películas. Trabalhou em «Madame Satan» e noutras produções famosas... e agora vai transformar-se em director!

Se não tivesse exigido de Walter Huston a preparação dos planos dum

(Continua na página 12).



Wallace Beery, que já foi adestrador de elefantes, é hoje um dos melhores actores do cinema

de criada sueca, numa comédia da velha companhia Essena.

Depois Norma Shearer.

Norma era uma tímida rapariguita do Canadá, que trabalhava como extra numa película. O director explicava qualquer coisa a um grupo de raparigas, quando Norma o interrompeu com um acesso de tosse. O director fitou-a e a pequena corou, como dissemos.

Mas o director engraçou com ela e deu-lhe um insignificante papel numa película. Ela desempenhou-o o melhor que pôde, e hoje é rainha nos estúdios da «M-G-M», como «estrela» de muitas e notáveis produções.

John Barrymore teve de ser «despedido» antes de encaminhar os seus pas-

Perfis

Tallulah Bankead

Lupe Velez, Greta Garbo, Clara Bow e Marlene Dietrich conseguiram manter-se nas primeiras páginas dos diários durante muito tempo e ainda hoje Hollywood não se cansa de as discutir com entusiasmo; mas presentemente contam com uma nova competidora, que as fará correr um pouco se quiserem conservar o prestígio que disfrutaram.

Tallulah Bankead é o nome da exótica mulher que ha de causar tam grande admiração como os artistas acima apontados. Não cremos que no mundo existam duas mulheres tam originaes como Tallulah.

Vamos contar-lhes uma das suas originalidades. Não ha muito tempo assistiu à estreia de «This Reckless Age». Ao entrar pediu doze postais desses que se oferecem ao público nos dias da estreia para que escrevam a crítica correspondente da película. Esses postais logo vão a parar às sábias mãos de Ben Schulberg, «manager producer» da «Paramount». Tallulah escreveu os doze postais em questão e enviou-os ao homem que controla os seus contratos, os argumentos das suas películas, etc. Ora vejã o que ela escreveu nos postais:

«Annette Kellerman é maravilhosa. — Deem oportunidade a Tallulah Bankead para demonstrar o que vale.»

«Roscoe Arbuckle deve voltar ao cinema! — Deem a Tallulah Bankead uma boa película.»

«¿ Sabe que o suco de limão tira as manchas de tabaco? — Deem a Tallulah Bankead uma boa película.»

E assim os doze postais com a suas própria letra. Nada de enganos nem de mentiras. Estava empregando o método mais original que podia descobrir para insistir no seu pedido para lhe darem um bom argumento com que pudesse demonstrar ao público cinematográfico que por alguma coisa foi a favorita do público Inglês durante oito anos. Estava aborrecida com as suas três primeiras películas americanas e assim o declara a toda a gente, — embora saiba que não é de boa politica criticar as suas próprias películas...

Tallulah é sempre imprevisista. Só se cala quando pode causar sensação com o seu silêncio.

Uma mulher tam excepcional forçosamente teria de alimentar os «potins» da imprensa. E assim, cada dia se anunciava o seu compromisso oficial com este ou aquele nobre da aristocracia ou do dinheiro. Tallulah explicava os seus compromissos como provavelmente nenhuma outra mulher no mundo saberia explicar semelhante situação:

«Deu-me o colar de brilhantes mais bonito de Inglaterra. Nenhum homem o tinha feito e eu notei a responsabilidade que me podia acarretar, e por isso comprometi-me com êle.»

E quando rompia com o seu noivo explicava-se mais ou menos desta forma:

Era sumamente atractivo, mas um pouco absurdo, e por isso não chegamos a dar-nos bem e decidimos seguir os nossos caminhos por lados diferentes, — e isto é tudo. Mas nem por isto deixo de acreditar no amor!...»



Jean Murat e Danièle Parola devem vir a Portugal

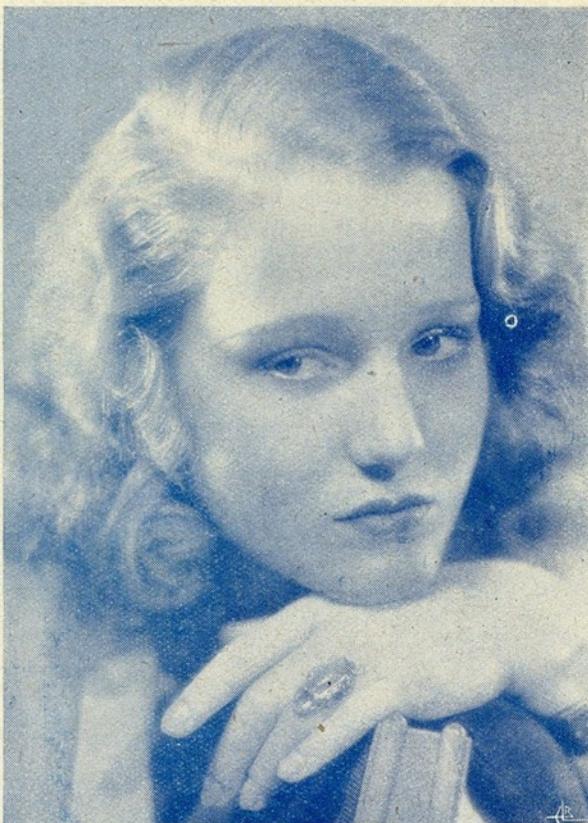
O popular actor francês, que vimos recentemente em «Loucura de Monte-Carlo», «Um Homem Feliz» e «Dois num automóvel», e Danièle Parola, a graciosa intérprete de «Amores da Meia-Noite», estão interpretando uma nova fita da «Ufa», que leva o título «Stupefiants».

Os interiores serão tirados nos estúdios de Neubabelsberg, devendo os exteriores ser filmados em Hamburgo, Paris, Boulogne-sur-Mer e Portugal. Calcula-se, pois, que aqueles dois artistas virão brevemente a Portugal, acompanhados de pessoal da «Ufa».



A Tallulah Bankead ainda não apareceu em Portugal. Mas desconfiamos muito que, quando aparecer, vão surgir «talulófilos» com fartura...

Tallulah Bankead é um dos bons elementos da «Paramount».



Temos a honra de apresentar aos leitores Miss Constance Cummings, da «Columbla». (Não confundir com a República da Colombia. «Columbia», de Hollywood...)



Lil Dagover não quer ser comparada a Greta Garbo

É raro que as «estrelas» não possuam quaisquer particularidades físicas que as diferenciem e distingam das suas rivais, e pelas quais se tornam conhecidas e queridas do público.

Assim, o nome de Joan Crawford evoca imediatamente dois olhos imensos, nostálgicos ou alegres, — espelhos fiéis de todas as emoções humanas. O de Greta Garbo evoca um rosto impassível que sabe exprimir todas as nuances dos mais subtis sentimentos: e o de Marlene Dietrich evoca imediatamente duas pernas admiráveis adornadas de meias arcaedílicas e suspensas por significativas ligas...

Falando-se nas mais belas costas de mulher, é certo e sabido que se trata de Lil Dagover. E estas costas cónicas e soberbas estão seguradas, afirma-se, em vinte mil dólares... E' o único facto precioso de que até aqui a publicidade tem feito alarde e nenhuma outra legenda ainda foi criada para etiquetar a sedutora alemã.

Dissemos que Lil Dagover é alemã. Verdadeiramente, ela nasceu em Java de pai alemão e mãe francesa, o que muito contribuiu para a atmosfera de exotismo que a envolve. Talvez por causa das lendas que a perseguem, Hollywood esperava vêr chegar uma mulher extravagante, vestida com fatos excêntricos e com gestos imprevistos.

Mas em lugar desta criatura estranha e imaginária, viu-se descer do combóio uma mulher de uma distinção rara, vestida com uma apurada elegância e cujo rosto perfeito não trazia maquiagem, salvo um pouco de «rouge» sublinhando os lábios. Exprimi-se num inglês hesitante mas correcto, murmurando as frases em alemão antes de as traduzir para o inglês.

Hollywood ficou um pouco desapontada.

Depois, Lil Dagover filmou «A Woman from Monte-Carlo», e toda a gente começou a simpatizar com ela por causa da sua simplicidade, que, fóra do estúdio, faz esquecer que é actriz. A sua única excentricidade é de ser uma vegetariana convencida (tome nota, Dr. Amílcar de Sousa!) e de se vestir quasi exclusivamente de branco. O seu vestuário interior é branco, os seus vestidos são brancos, as suas jóias são as pérolas, e até o seu automóvel é pintado de branco... Foi com um vestido de veludo branco-nacarado que Lil Dagover fez a sua entrada solene no baile de «Mayfair», e a sensação que produziu é dais tais que não se esquecem rapidamente.

Os jornalistas, como vocês sabem, têm a mania de fazer as mais desconcertantes perguntas, e foi assim que uma colega que trabalhava em Hollywood se lembrou de perguntar o que ela pensava das celebridades do cinema. Lil Dagover respon-

deu o seguinte, «com uma ligeira hesitação», como diz a nossa colega que tem a sorte de viver tam perto das «estrelas»:

— «Penso que Anita Page é a mais engraçadinha das belezas americanas de Hollywood, com o seu rosto redondo e risonho, a sua boca infantil e aqueles belos olhos tão candidamente azuis. A minha actriz preferida é a Greta Garbo. E, a propósito de Greta, quero protestar contra as insinuações dum artigo aparecido recentemente num jornal daqui.

Admiro Greta Garbo, e como lhe

disse, é ela a minha actriz preferida; mas quando me acusaram de a imitar, o caso muda de figura! Longe de mim tal pensamento. Prefiro ser antes uma péssima Lil Dagover do que a melhor cópia de Garbo!...

Não vejo o que pôde motivar esta comparação. Nós não temos de comum senão a nossa qualidade de estrangeiras e o nosso gosto dos nossos passeios pelos campos. Não sou uma mulher desportivo, nado um pouco, mas só fico satisfeita quando calço umas grossas botas de tacão raso e vou passear com os meus cães... Em que me pareço com Greta Garbo?...

Já dissemos que Lil Dagover nasceu em Java, onde seu pai trabalhava nas plantações. Com a idade de seis anos veio para a Europa, para fugir ao clima da ilha, mortal para as crianças brancas. Foi por esta ocasião que lhe morreu a mãe, ficando assim a pequena Lil e uma irmãzinha aos cuidados dos seus parentes, que viam sem alegria aumentar a família já bem numerosa. E uma existência trágica começou para as duas crianças...

Muito nova ainda, compreendeu Lil que não podia contar senão consigo própria para arranjar um lugar na vida, e tratou de se tornar uma actriz. Quando alguns anos mais tarde. Robert Wiene, o grande director alemão, a notou em Berlim e lhe disse que possuía uma expressão muito fotogénica, o coração de Lil saltou de alegria. Pouco depois assinava um contrato de quatro anos, durante o qual filmou o inesquecível «Gabinete do Dr. Caligari».

Aos dezassete anos casava com um actor, Fritz Daghofer, cujo nome modificou ligeiramente para o tornar mais sufónico, — e deste casamento nasceu uma pequerrucha, que confiou a sua irmã, — que habita em Inglaterra —, por pensar que a vida de uma actriz é muito irregular para assegurar a uma criança a docura de um lar estável aos cuidados necessários.

Quando veremos em Portugal a última película que Lil Dagover filmou em Hollywood?

Um acôrdo "Paramount" — "M-G-M"

Por uma combinação efectuada entre os directores das casas "Paramount" e "M-G-M", a primeira emprestou à segunda o actor seu contratado Fredrich March, para interpretar o primeiro papel masculino da fita "Smilin' Through", ao lado de Norma Shearer.

Por sua vez, a "M-G-M" empresta à "Paramount" o seu contratado Clark Gable, para interpretar o protagonista de "No Bed of Her Own", ao lado de Miriam Hopkins.

Clark Gable, o homem mais discutido de Hollywood

Porque no filme «Suzana Lennox», como companheiro de Greta Garbo, obteve um sucesso formidável, Clark Gable tornou-se dum dia para o outro o ídolo da América, que não encontrou melhor maneira de o elogiar do que comparando-o com o grande Rodolfo Valentino.

O novo Valentino do «ecran»! A comparação parece fraca, pois os dois homens diferem não só pelo físico como também moralmente, e não há nada na personalidade de Gable, mais «homem» que Valentino, que faça lembrar o latino elegante e impulsivo cuja morte prematura deixou vago um lugar que ninguém pôde preencher. Os que persistem em encontrar uma semelhança entre os dois artistas, mas que não a sabem explicar, pronunciam esta locução passaculpas tam em moda presentemente: «Sex-appeal»...

Clark Gable tem admiradores apaixonados, detractores convencidos, e, entre estas opiniões contraditórias é difícil guardar uma independência activa, — sem ser influenciado pelo que se ouve dizer.

Mas o que quer dizer este barulho que se ouve em volta do seu nome?

É necessário dizer que foi ele próprio o primeiro a ficar admirado com esta ascensão miraculosa que o levou num instante ao lugar de «star». Ele não sabe se se deve rir se deve ficar sério, e, na dúvida, ri muito forte e muitas vezes, porque este rapaz de movimentos bruscos, de espáduas largas e de olhos cinzentos de aço, ama a vida e está decidido a gosá-la enquanto é tempo.

O seu início, difícil como são os inícios dos que escolhem a carreira cinematográfica, faz-lhe apreçar a doçura do sucesso. Mas este sucesso, a que ainda não está bem habituado, não modificou em nada a sua natureza simples e recta. Gosta de jogar o «golf», de nadar, prefere o avião ao automóvel, mas não sabe pilotar. Tem um certo receio das mulheres. Adora os cavalos. Gosta de caçar, se bem

que nunca pensa matar o coelho que persegue. Admite que é um grande preguiçoso, e quer fazer fortuna em novo, a fim de poder deixar a carreira e viajar. Tem um horror inacreditável aos jornalistas desde que um deles contou que não o achava nada natural e que se tinha casado três ou quatro vezes...

— «Eles têm a mania de inventar, diz Gable, e não procuram saber a verdade verdadeira... Tinham sabido que a minha pequena tinha dezasseis anos e doze o pequeno... Mas só são filhos da minha mulher!... Se eu tivesse filhos, não tinha vergonha de o dizer!»...

Mas esta declaração não permite por si só fazer uma opinião sobre Clark Gable. Vejamos o que dizem os actores que convivem de perto com o novo ídolo de Hollywood.

Diz John Barrymore:

— «A minha opinião não tem grande importância comparada à das suas inumeráveis admiradoras... E' Valentino no corpo de Dempsey!...»

Fala Lionel Barrymore:

— «Este rapaz é um excelente actor. Vale mais do que a reputação de amoroso do *ecran* que lhe estão a fazer. Tem mais talento do que *sex-appeal*».

Constance Bennett não manifesta menos entusiasmo quando afirma que Gable se tornou o assunto de todas as conversas durante o seu último passeio pela Europa.

Wallace Beery, que trabalhou com Clark em «Titans do Céu», éavelmente:

— «Que homem! Só lhe conheço boas qualidades. E' o homem mais *chic* que tenho conhecido no cinema. E tam modesto!... Ainda está surpreendido pelo seu sucesso. Deus sabe como ele o merece.»

A encantadora Janet Gaynor tem sempre coisas bonitas a dizer sobre os seus camaradas:

— «Clark e eu fomos figurantes em Hal Roach, ha bastante tempo. Nesses tempo, já tam longe, achava-o um homem sedutor. As pequenas figurantes compartilhavam da minha opinião — e os corações femininos só batiam por ele. Mas era reservado e não se comovia facilmente. Conduzia um grande automóvel azul e eu fiquei muito contente quando um dia ele se ofereceu para me levar a casa. Era um ambicioso. E eu estou bastante satisfeita por o ver triunfar.»

Marlene Dietrich respondeu com a sua desconcertante indiferença:

— «Clark Gable? E' gentil...»

Lupe Velez afirma cheia de entusiasmo:

— «O Gable é magnífico! Depois do Gary Cooper é o homem que tem mais *sex-appeal* no cinema. Quando o encontro, o meu coração começa a bater apressadamente e os joelhos dobram-se de emoção... Simplesmente, é calado... Gosto mais de o ver nos papeis de traidor do que nos de amoroso. Quanto mais é brutal mais o amo...»

Glória Swanson não se compromete:

— «Tenho estado tam pouco tempo em Hollywood durante estes dois últimos anos que não segui a ascensão vertiginosa de Clark Gable. Realmente, não posso dizer nada, porque não o conheço nem como homem nem como actor. Teve sorte e conseguiu criar uma enorme sensação no mundo *blasé* do cinema. Tanto melhor para ele!»

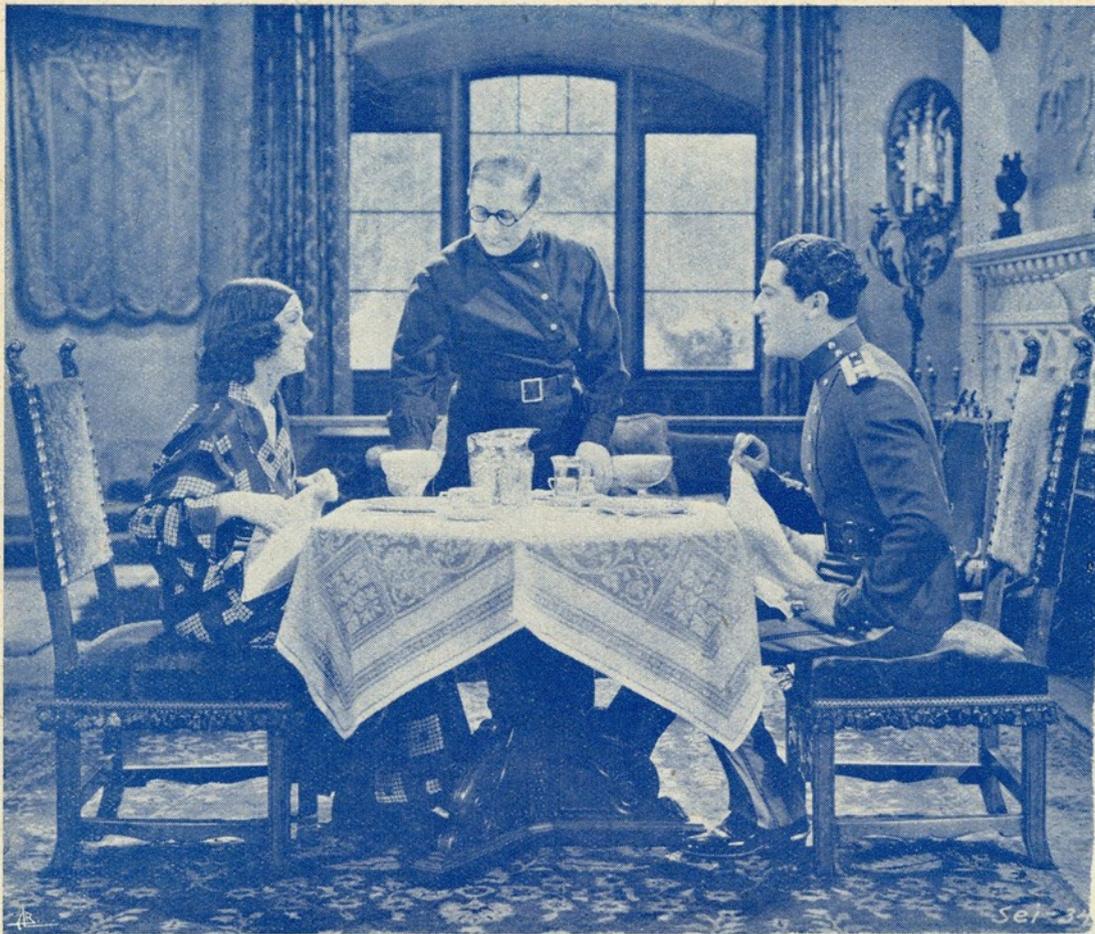
John Boles parece sofrer certo ressentimento pela vitória de Gable:

— «A bem dizer, estou cheio de interesse para ver o que sucede a Gable. E' evidentemente um bom actor, mas talvez que a publicidade intensiva que lhe fazem seja a chave do seu sucesso...»

M. E.



Clark Gable da «M-G-M», que é um grande amador de equitação, dá sempre um passeio a cavalo antes de ir para os estudos, quando as manhãs o permitem



“Um Príncipe que nunca amou”

Comédia musical, falada e cantada em espanhol.
Realização de Lon Seiler. Música de William Kernell.
Produção da “Fox”. Apresentada pela Companhia
Cinematográfica de Portugal.

PRINCIPAIS INTERPRETES

JOSÉ MOJICA, CONCHITA MONTENEGRO, MIGUEL
LIGERO, MANUEL ARBO e JOSÉ ALCANTARA

O grand-ducado da Silvânia encontra-se em graves dificuldades financeiras. Os cofres do Estado estão vazios. Os credores internacionais não permitem um momento de sossego e torna-se indispensável negociar um empréstimo a todo o custo.

Um abastado norte-americano, o sr. Tomson, está disposto a levar as negociações financeiras a bom termo, mas com a condição de que o príncipe herdeiro se ha de casar, porque, em sua opinião, um Estado com um soberano solteiro não oferece as necessárias estabilidade e segurança.

Mas o príncipe não se mostra inclinado ao casamento. Seu pai apresenta-lhe a todas as belezas de sangue azul que havia nas redondezas; aquelas damas, porém, embora fossem de alta linhagem e tivessem numerosos pergaminhos, não passavam dumas verdadeiras múmias que não podiam interessar o jovem príncipe. O sr. Tomson deseja ultimar as operações financeiras e regressar ao seu país, mas o príncipe não mostra a menor intenção de secundar os seus projectos nem os de seu augusto pai.

E' nesta conjuntura que o ocorre ao insigne Tomson uma idéa original: ir a Paris com o gran-duque e procurar uma jovem que provoque os entusiasmos amorosos do príncipe. Dito e feito: a Paris se dirige logo os ilustres personagens e põem-se a percorrer os lugares que julgam mais propícios para tam singular busca. O azar leva-os ao «Cabaret da Morte», onde, para castigo dos incautos que frequentam esse lugar, lhes era proporcionada, entre outras coisas, uma cena de assassinio. A jovem que «matava» o amante fazia-o com tanto acerto e elegância, que os nossos amigos se enamoraram logo do seu valor artístico e da sua beleza, fazendo-lhe a estranha proposta de ir ao grand-ducado da Silvânia com o fim de despertar o amor do príncipe, mediante uma avultada soma. A rapariga, desejosa de ganhar algum dinheiro e vislumbrando também sem dúvida uma aventurazinha sem conseqüências, aceitou a proposta, resolvendo ir imediatamente pô-la em prática.

Uma vez na Silvânia, a jovem encaminha-se para o castelo, residência dos soberanos, num velho taxímetro, que sofreu um desarranjo no caminho, tendo ela de se refugiar, debaixo duma chuva torrencial, no pavilhão de caça onde então se encontrava o príncipe. Chega ali meio-desfalecida e o moço herdeiro acolhe-a e trata-a com solicitude. Ignora ela, é claro, que aquele garboso militar, que tantas atenções lhe prodigalizava, é o homem que val conquistar por dinheiro. Ele diz-lhe que é um tenente do exército e ela procura ocultar a sua identidade, dizendo-lhe apenas que se chama Yvette e que se encontra naquela terra por mera casualidade. Parece que no ducado da Silvânia os aguaceiros teem o costume de durar uma semana e, embora aquele de que se trata fosse um tanto mais modesto, limitando-se apenas a três dias, fóra o tempo



suficiente para que os dois jovens se apaixonassem perdidamente um pelo outro.

Mas, como tudo neste mundo tem um fim, chega o momento em que o aguaceiro silvânico pára e a rapariga resolve ir pôr em execução o plano que ali a levava.

O príncipe Borlo, primo do herdeiro do ducado, é um tipo de péssimos antecedentes, zaragateiro e orgulhoso, que abusa a cada passo da sua autoridade.

Quando a jovem se apresenta na capital da Silvânia, toma Borlo pelo príncipe Alexis, e, fiel à sua promessa, procura aliciá-lo, ao que Borlo se presta sem esforço. Durante uma entrevista, Borlo procura abusar da rapariga e tira-lhe o anel que o príncipe Alexis lhe dera.

Mais tarde, no Casino Militar, o malvado Borlo gaba-se da sua conquista, dando como prova o anel que tirara à jovem.

Alexis entra naquele momento no salão, e, ao ouvir as bravatas do primo, castiga-o duramente, embora muito contrariado por averiguar que aquela mulher, a quem dera o seu coração, era uma simples aventureira, que consentira em receber dinheiro para lhe fazer amor, e dirigindo-se a casa, censura-a cruelmente.

Desesperada, a jovem corre ao palácio e atira à cara do grand-duque e do sr. Tomson o dinheiro que pelo seu trabalho lhe haviam dado, dizendo-lhes que, se tivesse sabido quem era o príncipe Alexis, nunca haveria consentido em fazer

semelhante contrato; e acrescenta que o adora e que é o único homem a quem ha-de amar em sua vida.

Retira-se da Silvânia desgostosa, mas o príncipe, que, entretanto, averigua a verdade dos factos, sál atrás dela e consegue alcançá-la no caminho.

Ha uma reconciliação; o gran-duque concorda em elevá-la à nobreza para que se possam realizar as nupcias. Tomson concede o desejado empréstimo e a paz e a felicidade voltam a reinar na Silvânia.

No país dos «gangsters»

Os berços em perigo

“O rapto do pequeno Lindberg é um insulto à sociedade inteira”, — escrevia recentemente André Lang num conhecido hebdomadário francês.

A indignação levantada pelo rapto e pela morte do filho de Lindberg foi violenta e mundial. Mas em nenhuma parte foi tam sentida como em Hollywood, cidade da beleza, da fortuna, — mas também cidade da inquietude... Estes dois nomes raiaram em todo o mundo depois que a publicidade revelou os hábitos e as mais caras ternuras da vida íntima dos actores, e os caçadores de resgates não mais deixaram Hollywood.

Sabe-se que Constance Bennett ganha 800.000 dólares por semana. Que soma não sacrificaria para salvar a vida do seu filho adoptivo Peter, se este fosse ameaçado? Mas seria difícil de chegar até esta criança... Si sempre acompanhada por um guarda armado. E passa a maior parte dos seus dias no pátio interior da vila de Constance, pátio de céu aberto, rodeado pelos quatro lados pela própria casa.

As indicações misteriosas, as cartas anónimas, as ameaças são moda corrente em Hollywood. Cada correio traz pelo menos uma, dirigida a qualquer das grandes «estrelas». Não são de ordinário senão excentricidades de maníacos ou brincadeiras de mau gosto. Mas algumas revelam se mais inquietantes. Uma tentativa de roubo foi feita ha alguns anos sobre a pessoa de Mary Pickford. Os seus agressores sofrem actualmente dez e quinze anos na prisão de San Quentin. Depois, os esposos Fairbanks foram habitar para uma vila rodeada de espessos muros e constantemente guardada; e para irem para o estúdio empregam truques para afastar todo o ataque. O seu automóvel vai vazio, ou transporta um dos seus criados... E eles tomam lugar num carro de menor aparência...

Alguns dias depois do desaparecimento do pequeno Lindberg, Harold Lloyd recebeu um bilhete informando o de «que chegara a sua vez»...





Madge Evans, parecendo que não, é das mais antigas actrizes de cinema. Principiou a trabalhar aos 5 ou 6 anos. Agora está com a "M-G-M", e foi a primeira actriz de "O Filho da Índia", com Ramon Novarro como protagonista.

Harold e sua esposa, Mildred Davis, têm três filhos. Gloria e Harold Jr. e uma filha adoptiva, Peggy. Foram tomadas todas as precauções necessárias e os pequenos Lloyds são sem dúvida as crianças mais guardadas de Hollywood. A casa de Benedict Canyon, em Beverly Hills, é guardada de dia e de noite. E cães de guarda ficam pelo parque, prontos a saltar ao pescoço de quem procurasse entrar sem ser acompanhado de alguma pessoa da casa.

São igualmente cães ensinados especialmente para a guarda que protegem a pequena Ethel Dolores Barrymore, filha de Dolores Costello e de John Barrymore.

A propriedade de Ann Harding é uma verdadeira fortaleza da idade média. Todas as janelas dos quartos, e em particular as da «nursery» da pequena

Jam dão para uma falésia abrupta e inacessível. E a única entrada possível é comandada por uma álea fechada em três locais por portas guardadas. Esta porta não se abrirá senão quando os visitantes declinarem a sua identidade e as suas intenções e que a permissão de os introduzir seja telefonada por Ann Harding. Antes do seu divórcio, também o seu marido tinha voz activa... Hoje...

Marlene Dietrich, Bessie Love, Dorothy Dwan mandaram colocar em todas as janelas das suas residências espessas rédes de ferro. Evidentemente o céu californiano não é tão bonito através destas paredes. Mas era necessária esta precaução.

Por outro lado, a pequena Maria Licher é vigiada de dia e de noite por Harry Wright, um «chauffeur» de estatura hercúlea e que possui sempre nos bolsos do casaco um revólver constantemente carregado. Parece que este Wright foi o guarda de lord Kitchener e do rei dos Belgas durante a grande guerra. Em todo o caso, vigia estreitamente a filha de Marlene Dietrich e não se importa de meter duas balas no corpo de quem a tentasse roubar. Dorme no quarto pegado ao da criança. Para reforçar as precauções, um «maitre d'hôtel», de estatura tão imponente como Wright, assume, ao mesmo tempo que as suas funções oficiais, a de não se afastar da ama e da pequena Maria quando estão na vila ou no parque.

Os pais adoptivos revelaram-se tão ciosos da segurança dos seus pequenos como os pais verdadeiros. Neil Hamilton comprou dois revólveres para melhor vigiar a sua pequena Patricia. E Wallace Beery, depois de ter adoptado três mludos, fez cercar a sua propriedade de altos muros.

Tomasinha Mix, filha do grande Tom Mix, parece ao abrigo de qualquer tentativa de rapto. A vasta moradia do antigo «cow boy» está situada no «canhão» de Beverly e cercada de muros. As duas entradas são evidentemente guardadas, e defendidas por um sistema eléctrico, que, à menor tentativa de intrusão, alerta o posto de vigiância e os criados, que são escolhidos, devotados, robustos e com sangue frio. No parque podem-se

ver dois espaduados «cow boys», — não «cow-boys» de estúdio, mas sim de verdade, capazes de se sacrificarem por Tomasina...

Emfim, Tomasina recebeu de seu pai um pequeno revólver com a coroa guarnecida de pérolas, lindo como um brinquedo... mas que está carregado com seis balas. E é também seu pai quem a ensina a atirar ao alvo. Eis uma amazona de nove anos de idade com a qual é preciso ter cautela!...

Hollywood tem medo. Hollywood está num estado de excitação nervosa. Os agentes da polícia secreta trabalham. A reiterados pedidos de numerosos artistas, os serviços de publicidade receberam ordem de não enviarem para a imprensa mais fotografias dos filhos das vedetas.

E cada vez que uma grande «soirée» mundana vem trazer a Hollywood uma animação inacostumada, — quer se trate duma grande «première», dum jantar ou dum baile —, Nick Harris, o famoso detective que trata da segurança da cidade, envia ordens para cada um dos seus homens, que não vigiem as joias no «boudoir», nem os cofres dos escritórios, mas sim a criança adormecida no «nursery»...

S. C.

Nesta semana fazem anos:

De 18 a 24 de Junho

- Junho 18 — Blanche Sweet (36).
- 18 — Jeanette MacDonald (25).
- 18 — Ivan Lebedeff (33).
- 19 — Martha Mattox.
- 20 — Maria Paudler.
- 21 — Joan Standing.
- 22 — Marguerite de La Motte (28).
- 22 — Charlie Murray (60).
- 23 — Lee Moran (42).
- 23 — Rosa Rosanova.
- 23 — Vera Stedman.
- 24 — Martha Sleeper.

Pelos nossos Cinemas

Em virtude de ter estado ausente o nosso director, só no próximo numero poderemos publicar as criticas aos filmes "A Culpa é do Bibi" e "Tabu".

Efemérides da semana

De 18 a 24 de Junho

- Junho 18 (1930) — Depois duma estadia de um ano em Hollywood, regressa a França, a bordo do «Paris», a actriz Lily Damita.
- 20 (1930) — Chega a Paris o «czar» do cinema americano, Will Hays.
- 22 (1920) — Estrela-se nos cinemas «Trindade» e «Batalha», do Porto, a fita em séries «O Mistério do Silêncio», com Francis Ford (Conde Hugo).
- 24 (1921) — Estrela-se no «Condes» a fita «A Deligência da Meia-Noite», com o grande actor americano Frank Keenan.

Vai constituir um formidável sucesso...

A «matinée» que «Cinema» oferece aos seus leitores, no «Trindade», em 28 do corrente.

Ruas da Cidade Romanza Sentimental

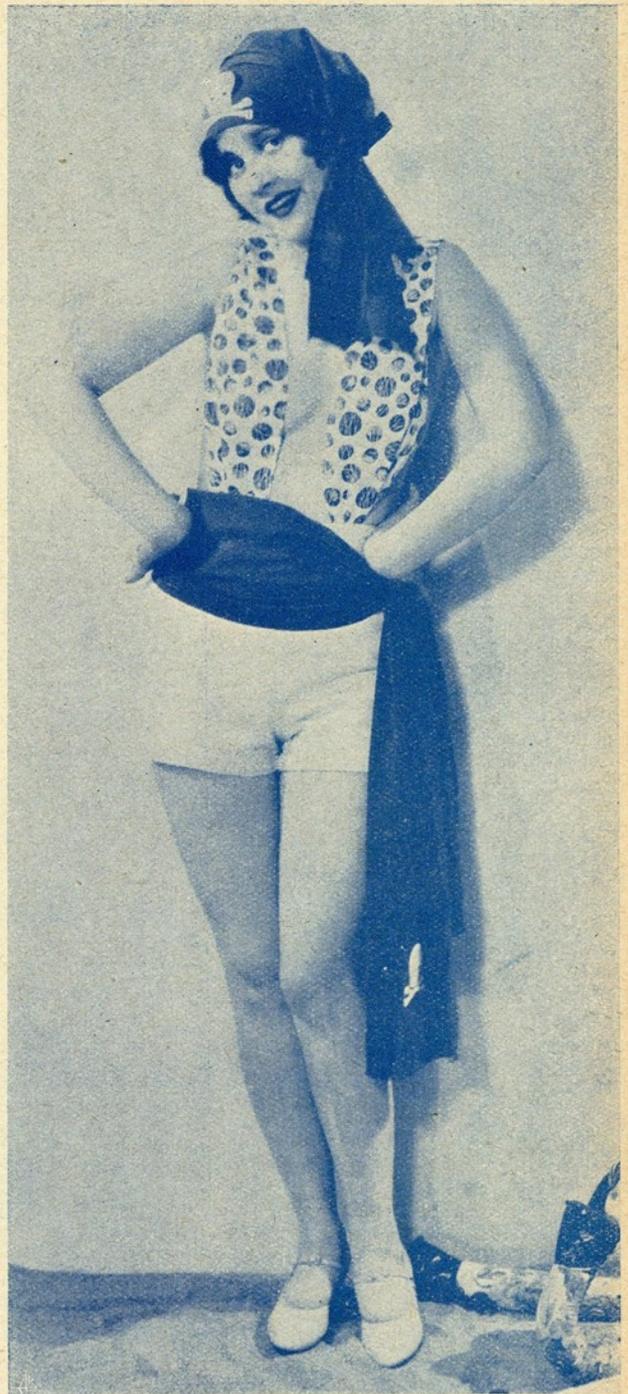
Eis dois filmes que constituem um programa excepcional.

Todas as indicações se encontram publicadas no numero 21 desta revista. Frisamos entretanto as principais.

As requisições de bilhetes devem ser feitas no escritório do «Trindade», nos dias 22, 24 e 27, das 2 às 6 horas da tarde, mediante a apresentação de dois numeros de «Cinema», dois numeros à escolha, do 20 ao 23.

Ouvimos dizer...

- que a "Lisboa Film" vai adquirir maquinismos para a confecção de legendas sobrepostas na imagem.
- que tem tido o melhor acolhimento a subscrição de acções da Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros "Tobis Klangfilm".
- que por esse motivo tal subscrição encerra no próximo dia 21 do corrente.
- que é em Madrid e não em Barcelona que se instalará o Sr. Correia de Matos, como gerente duma agência da casa H. da Costa.
- que o filme "Anjos do Inferno" não será exibido no "São João Cine".
- que a comp.^a Cinematográfica de Portugal deve receber em breve o filme "Al Capone, o Terror de Chicago".
- que uma casa distribuidora portuguesa está muito interessada em adquirir, o filme sobre o nudismo, que está sendo feito na Alemanha.
- que tem obtido grande sucesso em Lisboa, no "Central", a fita "Milícia da Pêz".
- que tal produção será estreada no "Trindade" na próxima terça-feira, 28.
- que ainda não está fixado o primeiro filme a ser feito pela Companhia Portuguesa de Filmes.
- que Leitão de Barros tencionava vir ao Pôrto fazer uma conferência no "Trindade" sobre cinema português, de propaganda àquela Comp.^a.
- que abandonou tal projecto, em virtude de já estarem quasi subscriptas as acções emitidas.
- que um exhibidor da provincia, recentemente, marcou um programa sonoro para ser passado num domingo, exibindo-se sem autorização do alugador, também no sábado anterior.
- que, para se defenderem de tais ilegalidades, é que, na terça-feira passada, se reuniram nos escritórios da "Paramount" os distribuidores de filmes.
- que tal reunião teve por objecto assentar em principio a formação duma "mutua" ou sindicato dos distribuidores de filmes.



A julgar pelo emblema do chapéu, Nancy Cornelius da "Christie", está disfarçada de "pirata". Ou talvez seja uma nova "equipe" de futebol... Em qualquer dos casos, não nos importavamos nada de combater pirataria de tal fôrça, ou defrontar tais adversários desportivos...

Arthur Robison contratado pela "M-G-M"

O Dr. Arthur Robison, americano de nascimento mas que trabalhou quasi sempre como realizador de filmes alemães acaba de firmar um contrato de longa duração com a «M-G-M».

Arthur Robison, que ultimamente dirigiu para aquela casa a versão alemã de «O Processo de Mary Dugan», com Nora Gregor, foi, como os leitores se devem lembrar, o realizador de magníficos filmes silenciosos alemães, como «Manon Lescaut», com Lya de Putti e «Looping-the-Loop», com Werner Krauss.

Devem recordar esta catástrofe: a traição de Daisy de Voe, os ataques biliosos de Gurseau, o terror nervoso do microfónio, os incidentes da «Paramount»... Por toda a parte e de todos os lados, onde ela julgava encontrar amigos, depa-ravam-se-lhe apenas rostos hostis, olhares severos, reprovção geral. Adularam as suas piores extravagâncias. Agora só falavam do escândalo.

Dois julgamentos declaram culpados a secretária e o jornalista pérfido. Mas em dois julgamentos não restituíram a Clara o favor passado. Pelo contrário, o escândalo do tribunal vinha juntar-se ao escândalo da imprensa, os segredos de alcova e de intimidade eram assoalhados em público, as cartas de amor lidas em voz alta, o veu levantado sobre uma vida particular muito movimentada. Clara Bow, em verdade, fôra sempre uma amorosa. Da glória apenas conservava essa enebriante vaga de adorações que subia até ela, essas cartas apaixonadas, essas ingénuas ofertas que lhe faziam do seu coração mancebos desconhecidos. Era essa alegria de se sentir amada que provocava em seu corpinho roliço e nervoso aquele ardor incansável, aquele encanto irresistível, aquele *sex-appeal* apimentado e doce...

Ela tinha amantes. Os que lhe agradavam e que amava com arrebatamento sem prudência, cada um por sua vez. Gilbert Roland, Gary Cooper, Harry Richmann...

Todos aqueles nomes eram arre-messados no decorrer da audiência. Clara tinha muitas aventuras e desilusões. Ao vê-la ocultar o rosto nas mãos, a cada recordação do passado, ninguém adivinhava que era uma chaga que acabava de reabrir. Escarneceram-na. Espezinharam a sua sensibilidade, o seu poder... E, de facto, eram coisas que não podia ter, porque se deixara arrastar loucamente pelo coração, porque procurava apaixonadamente o verdadeiro amor, e gastara sem conta a sua beleza, os seus vinte anos e a sua ternura.

Era uma debandada. Aqueles que ela mais amara, e os que mais lhe deviam, eram agora para ela os mais implacáveis... Doente, desamparada, perdida, encontrava-se sôzinha no meio daquela tempestade...

Sôzinha? Não. Tinha a seu lado um homem que a amava. Fôra êle que, farejando à roda dela traições, dedicações falsas, amizades fementidas e perigosas, interviêra com uma brutalidade bastante desastrada. Era um *cow-boy*. Não sabia enganar. Foi direito ao fim, expulsando Daisy de Voe, respondendo nos jornais com cartas indignadas, interpondo-se entre Clara e os que a atacavam. Durante as audiências, quando ninguém pensava em defender a delicada rapariga de olhos vermelhos, muito pálida, mal maquilhada, que se sentava no banco da parte civil, quando se recusavam a ver uma mulher para apenas julgar uma «vedeta» e cochichar que a sua reputação de encanto havia passado, êle conservava-se junto dela; inquieto, febril, torturado, suportando todas as dolorosas revelações dum passado que desejava ignorar. Mas estava ali, para que ela o sentisse sempre fiel, sempre dedicado. Zombaram dêle... Outros, tiveram pena dêle, coisa bem pior. Era um ingénua...

Clara Bow? Não... Mrs. Rex Bell

Importava-se pouco com o que diziam. Gostava de Clara... Gostava dela quando era adulada e brilhante. Gostava dela mais ainda, agora que era desgraçada. «No inverno é que a gente repara em que os pinheiros estão sempre verdes», diz um proverbio chinês.

Logo que foram pronunciadas as sentenças, arrebatou Clara para o seu rancho de Montano. Arrebatou é bem o termo. Arrancou-a ao pesadelo dos últimos meses, às dolorosas recordações.

Viveu com ela durante meses. E só exigia dela uma coisa: que descansasse,



Clarinha-a-Boa

que, contratada por Sam Rock, vai fazer para a «Fox» a fita «Call Her Savage» («Chamem-lhe Selvagem»). Chamem, chamem, que o Rex Bell é que os ensina!...

que se curasse. O ar vivo da montanha restitui-lhe a frescura doutroa. O seu lindo corpo arredondou-se, ultrapassando até o peso máximo fixado pela estética dos «estudios». Ela não fazia caso disso. Viam-na com Rex correr a cavalo através dos planaltos, ou doirar-se ao sol, ou ainda, estendida numa *chaise-longue*, deixar-se viver sem pensar em nada, magnificamente tranqüila, acariciando com a mão a cabeça do cão de Rex.

Ele havia-lhe proposto outrora casamento. Ela recusara. Não estava amadurecida para o matrimónio. Rex jurara esperar o tempo que fosse preciso.

E quando viu Clara restabelecida, esplendorosa de saúde e de juventude reconquistadas, ofereceu-lhe, para concluir a cura, um nome respeitável,

que apagava o que o escândalo tornara excessivamente famoso. Ela aceitou, desta vez, com regosio. Exigiu, contudo, um praso para o casamento. Queria reunir antes uma certa sôma em dinheiro. Tantos outros, antes dêle, se tinham aproveitado da prodigalidade de Clara, que êle não queria mostrar-se tambem interessado. Clara pouco se importava com essa questão de dinheiro. Ela é que lhe estava em dívida, porque tudo lhe devia, incluindo o gosto de viver.

Casaram-se. E Clara adquiriu assim o que sempre lhe faltara: um amigo. Um amigo atento, capaz de a defender, de a guiar, de a aconselhar.

Porque Clara vai regressar ao «cran». Não aceitou a primeira oferta feita. Foram recusados compromissos lisongeiros e até contratos. Clara quer fazer um bom filme. Dois talvez. Quere reencontrar a glória antiga. Não por gosto da celebridade... Nem de dinheiro... Mas para poder retirar-se então, em pleno êxito, e para demonstrar como despreza êsse êxito. Renunciar na hora actual seria uma derrota. Julgava-la sempre devorada de desgosto e de ambição.

Rex tanto fez por ela, que ela pretende conquistar novamente o coração inconstante da multidão, para o sacrificar depois àquele que verdadeiramente a soube amar.

— A minha única ambição, diz Rex —, é tornar Clara feliz. Ela merecia-o, mas nunca o foi. Desposei-a, porque a adoro. Os outros apenas viam nela a «girl» ruiva, a rainha do *sex-appeal*. Para mim, ela é outra coisa. Compreendi tudo que havia de amargura e de ternura nesses olhos escuros.

Que todos aqueles que, como êle, se sentiram atraídos pelo olhar de Clara, todos os que a lamentaram e amaram, inquietando-se com a sorte da sereia ruiva, saibam pois que graças ao desinteresse dum homem de coração lial, esta é agora feliz. Depois duma vida curta, mas aventureira e sacudida de torrentes violentas, Clara encontra-se agora no posto...

SUZANNE CHANTAL.

Embora pareça um conto...

(Continuação da página 4)

aqueduto, continuaria ainda a ser engenheiro no Departamento de Obras Públicas, abandonando o teatro para se consagrar à engenharia, profissão que seguiu por instâncias de seu pai.

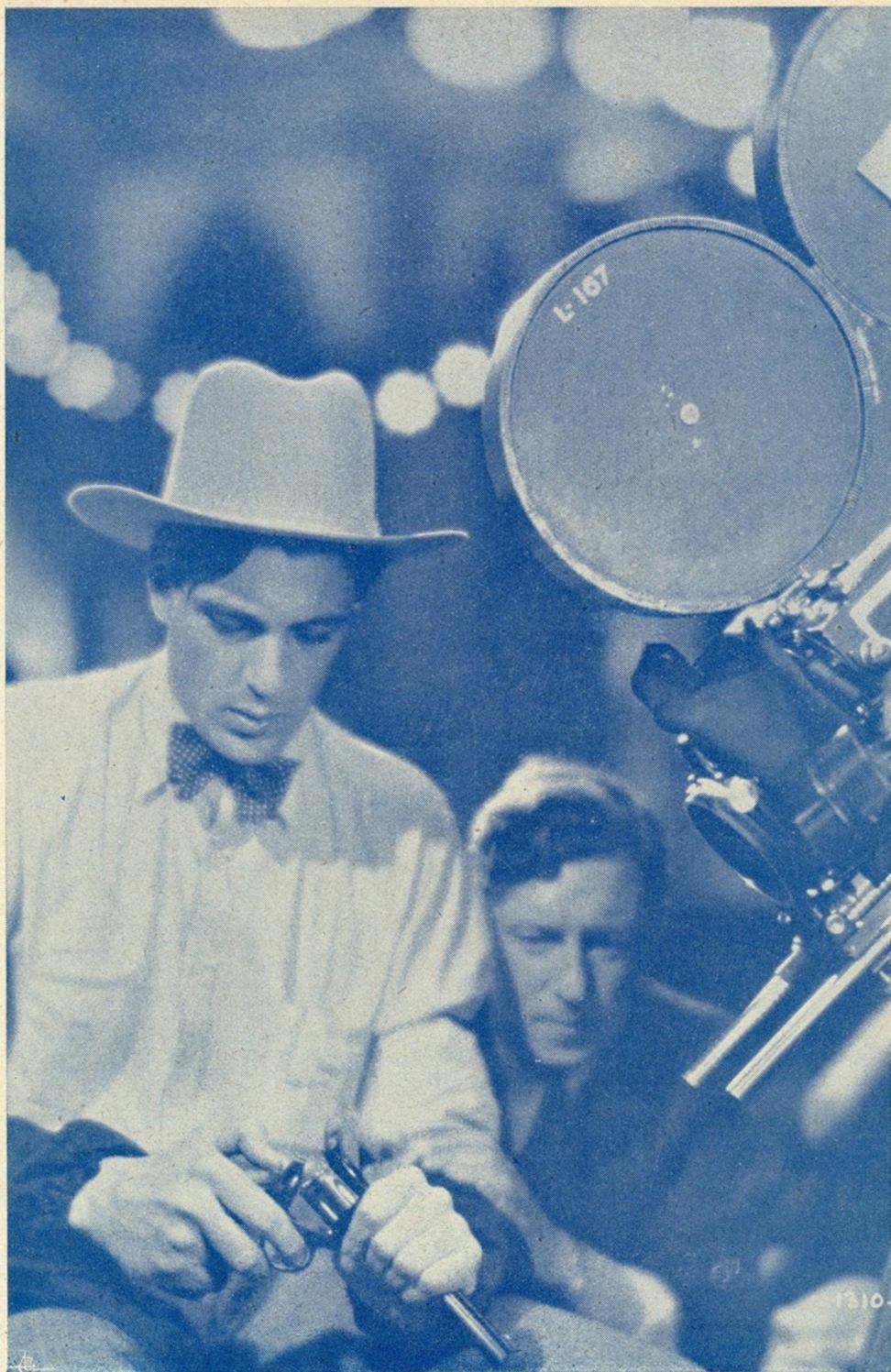
— Aqui tem você um aqueduto, para que são precisos planos detalhados, — disse-lhe o chefe.

— Mas... a minha especialidade são curvas e declives, — balbuciou o jovem engenheiro, alarmado com a magnitude do trabalho.

— Não importa, experlmente, — ordenaram-lhe.

Walter desanimou diante do complicado labirinto de cálculos que exigia a obra. Resultado: naquela mesma noite dirigiu-se a um teatro e assinou um novo contrato de actor. Os seus triunfos cênicos levaram-no ao cinema.

E eis aí como, no fim de contas, é curta a distância entre a fábula e a realidade.



Vocês lembram-se do quadro de "Ruas da Cidade", em que se vê, em grande plano, a mão de Gary Cooper metendo as balas no revólver?

Aqui vemos o realizador Rouben Mamoulian dando indicações a Gary Cooper, para uma perfeita filmagem desse quadro.

"Ruas da Cidade", que é um excelente trabalho de fonocinema, vai ser reexibido na "matinée" que "Cinema" oferece aos seus leitores na terça-feira, 28 de Maio.

Dentro e Fora dos Estudios

O realizador Albert Cavalcanti terminou nos estúdios «Tobis» de Epinau, dois filmes curtos intitulados «Nous ne ferons jamais de Cinema» e «Montmartre tourne», ambos interpretados por artistas-cantores de Montmartre.

Edmund Lowe e Victor MacLaglen acabam de receber intimações de *racketeers* americanos exigindo dois mil dólares a cada um. Aqueles dois artistas, enquanto estiveram ultimamente em Nova-York andaram sempre guardados pela policia.

Brigitte Helm num filme de Joe May

O famoso realizador alemão Joe May vai fazer um filme para a casa "Cine-Allianz" (produção Pressburger e Bloch Rabinovitch para a "Ufa"), para a qual escolheu como principais intérpretes Brigitte Helm e Rudolf Forster.

Fédor Ozep, o realizador russo que está fazendo em França, nos estúdios «Pathé-Natan», de Joinville, «Mirages de Paris», convidou a imprensa francesa a assistir à filmagem de alguns quadros passados num grandioso *décor* representando um importante *music-hall* no qual figuravam centenas de personagens juntamente com os dois principais intérpretes do filme, Roger Tréville e Jacqueline Francell.

A decoração de «Mirages de Paris» é devida a Andrieff e Aguetand.

Elissa Landi, que é uma das primeiras atrizes da «Fox», recolheu ao leito, com perturbação na vista, de certa gravidade.

A «Columbia» vai fazer um novo filme com Jack Holt e Ralph Graves. Será «War Correspondent» («Correspondente de Guerra») e tem como fundo o conflito sino-japonês.

John Gilbert já começou filmando

«Downstairs», para a «M-G-M», um original da sua autoria. Virginia Bruce é a primeira atriz com Olga Baclanova, Hedda Hopper, Reginald Owen e Bodil Rosing em outros papéis.

«A Família Real do Cinema»

é o título do argumento original de Ralph Graves, que a «M-G-M» está apreciando para ser possivelmente filmado. Tal argumento é baseado na vida de Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Douglas Fairbanks Jr. e Joan Crawford.

A fita «Um Homem Feliz» estreou-se em Nova-York no dia 31 de Maio, no «Little Carnegie Playhouse», com o título «Liebe ist Liebe» («Amor é Amor»). Foi exibida a versão alemã, com Kate de Nagy e Hans Albers.

Polá Negri encarregou o escultor Alex Romano de fazer o seu busto.

As portas do «Capitol», de Nova-York, no dia 2 de Junho, em que se estreou «As You Desire Me» («Como tu me queres»), o mais recente filme de Greta Garbo, abriram às 10 da manhã.

Merian Cooper e Ernest Schoedsack vão produzir para a «RKO» um filme de aventura e mistério com o título «The Most Dangerous Game» («O jogo mais perigoso»), com Fay Wray como principal intérprete.

Para a «Paramount», de França, René Guissard está terminando a realização de «Fils Improvisé», de Henri Falk, com Odette Fiorelle, Fernand Gravey, Jacky Monnier, Baron Fils e Saturnin Fabre.

A «M-G-M» comprou os direitos de filmagem de «The Education of a Princess» («A educação duma princesa»), da autoria de Gran-Duqueza Maria, da Russia.

A joven actriz alemã Gitta Alpar vai interpretar, sob a direcção de Carl Froelich, uma fita baseada na vida de Gaby Deslys. Max Hansen será o primeiro actor.

F R I T Z L A N G

vai para a América?

Noticias, de certo modo vagas, vindas da Alemanha, informam-nos que o famoso realizador alemão Fritz Lang, logo que termine o filme «O Testamento do Dr. Mabuse», que está preparando para a «Nero-Film», partirá para os Estados-Unidos.

Lila Lee vai interpretar a primeira actriz da fita «War Correspondent» («Correspondente de Guerra»), que a «Columbia» está preparando, com Ralph Graves e Jack Holt nos principais papéis masculinos.

Consta que Augusto Genina, de quem vimos ha pouco «Rapaz ou Rapariga?» vai realizar «La Femme Nue» («A Mulher Nua»), que ha anos foi feita como filme silencioso, com Pina Menichelli como protagonista.

Diz-se que Greta Garbo chegou a um acôrdo com a «M-G-M», renovando o seu contrato com um salário de 15.000 dollars por semana.

Três Barrymores numa fita

A «M-G-M» contratou a actriz teatral Ethel Barrymore, para interpretar um dos papeis da fita «Rasputin» ao lado de seus irmãos John e Lionel Barrymore. É a primeira vez que os 3 irmãos aparecem juntos numa produção cinematográfica teatral.

“Colecção de Sempre”

AOS LEITORES DA PROVINCIA

Em virtude da aglomeração de trabalho na nossa secção de expedições, o livro

“A Vingança do Moribundo”

que desde o dia 14 se encontra à venda nesta cidade, nas casas do costume, só hoje pôde ser remetido para as diversas Agências da Provincia. A todos, as nossas desculpas.

Armand Bernard e Jeanne Boitel num filme

O popular cómico francês Armand Bernard e Jeanne Boitel (que vimos em "A Amorosa Aventura" e, muito recentemente, em "Escorregar não é Cair"), são os principais intérpretes duma fita que André Hugon começou para a "G. F. F. A.", com os títulos provisórios de "Roman d'Amour" e "Excursions dans la Ville". Outros intérpretes são Janine Merrey e André Dubosc

Wilhelm Dieterle, cujo trabalho de realizador na América tem agradado muito, está dirigindo para a «First National» a fita «Revolt», com Nancy Carroll, Douglas Fairbanks Jr., Lilyan Tashman e Mischa Auer.

Logo que Nancy Carroll termine para a «First National» a fita «Revolt» fará para a «Paramount» a película «Single Night», com Wynne Gibson e George Raft.

Richard Talmadge (Ricardito) vai fazer uma série de oito fitas para a nova casa «Mercury Pictures».

Nova fita de Van Dyke

O coronel W. S. Van Dyke, realizador de "Trader Horn", partiu com uma companhia de 17 técnicos, operadores e mecânicos para uma viagem de 13.000 milhas, para o Oceano Glacial Artico, onde vai fazer a fita "Esquimó", para a "M-G-M". Da companhia fazem parte os operadores Clyde de Vinna e Bob Roberts.

Logo que termine «Stupéfiants», para a «Ufa», Jean Murat vai interpretar em França «Lewis e Irene», de Paul Morand, com Dorothea Wieck e sob a direcção de Jean Tarride.

A fita «Rocamble», que George Rosca está produzindo em França, tirado da famosa obra de Ponson du Terrail, tem Rolla Norman e Jim Gérald como principais intérpretes, respectivamente nos papéis de Rocamble e Milton.

Francine Mussey, a actriz francesa que ha anos esteve em Portugal contratada pela «Invicta-Film», para a qual fez «Claudia» e «Lucros Ilícitos», vai fazer um dos papéis da fita «The Crowd Roars», que a «Warner First» vai fazer em versão francesa, com o título «La Foule Hurlé» («A Multidão rugé»).

Os papéis da versão original são interpretados por James Cagney, Eric

Linden, Joan Blondell e Ann Dvorak serão desempenhados na versão francesa por Jean Gabin, Frank O'Neil, Hélène Perdrière e Francine Mussey.

Dolly Haas, a garota alemã que vimos em «O Tenente do Amor», está interpretando para a «Lothar Stark» a fita «Scampolo», que ha anos foi interpretada como silenciosa, com Carmem Boni.

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO SUCESSO

A MAGISTRAL SUPER-PRODUÇÃO

LUZES DA CIDADE

Com CHARLIE CHAPLIN (Charlot)

NA PROXIMA TERÇA-FEIRA
REEXIBIÇÃO DUM GRANDIOSO FILME

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 22

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha somente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,"

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 23 e 25 de Junho

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 23 e 25 de Junho

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 23 de Junho

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 25 de Junho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

◆ ◆  ◆ ◆

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

A C A B A D E A P R E S E N T A R

LUZES DA CIDADE

DE CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)

que continua no BATALHA o grande
êxito alcançado na estreia,

e vai apresentar em breve

ANJOS DO INFERNO

C
i
N
E
M
A
16

super-produção de HOWARD HUGHES (United Artists),
com JEAN HARLOW, BEN LYON e JAMES HALL